

Amores virtuais

Márcio Souza Gonçalves*

RESUMO

O artigo analisa os efeitos das novas tecnologias de comunicação, notadamente da Internet, sobre as sensibilidades amorosas contemporâneas. É feito um mapeamento das diferentes formas de relacionamento via Internet e de como as tecnologias afetam a experiência do amor. Os amores virtuais, dos quais o encontro real fica excluído, são a maior alteração decorrente desse processo: eles só podem ser compreendidos em sua radicalidade se forem encarados como amores plenos e não como reais, aos quais faltaria algo.

Palavras-chave: amor; relacionamento; virtual; tecnologia; Internet.

SUMMARY

This article analyses the effects of new technologies of communication, notably of Internet, on the sensitivities of the contemporary love-relationships. Different forms of relationships via Internet and how technology affects love experience are mapped. The virtual loves, of which the real encounters are excluded, are the biggest change resulting from this process: They can only be understood in their radical form if faced as full loves and not as real loves, in which something would be missing.

Keywords: love; relationship; virtual; technology; Internet.

RESUMEN

El artículo analiza los efectos de las nuevas tecnologías de comunicación, notadamente de la Internet, sobre las sensibilidades amorosas contemporâneas. Se hace un mapa de las distintas formas de relación via Internet y de como las tecnologías afectan la experiencia del amor. Los amores virtuales, de los cuales la cita real queda excluída, son la mayor alteración decorrente de ese proceso: ellos sólo pueden ser comprendidos en su radicalidad si los entendemos como amores plenos y no como reales, a los que faltaría algo.

Palabras-llave: amor; relación; virtual; tecnología; Internet.

O que são amores virtuais? Qual a sua especificidade? E suas condições de possibilidade? Como modificam nossa forma de amar? Tentaremos a seguir esboçar respostas para essas perguntas.

Em primeiro lugar, vejamos como a Internet pode agir sobre o amor, vejamos segundo que operadores as novas tecnologias personificadas pela rede agem sobre a constituição da experiência amorosa.

Há, antes de mais nada, os sites, páginas na www, dedicados ao amor. Estes sites podem conter elementos multimídia e diversos tipos de material relacionados ao tema. Podemos encontrar textos falando sobre o amor, imagens eróticas, anúncios de procura de parceiros virtuais ou reais para relacionamentos rápidos ou duradouros, prostitutas e prostitutos oferecendo seus serviços, podemos encontrar sites que disponibilizam diálogo online, tais como os sites da Zaz ou da Uol no Brasil etc.

Além disso, temos os grupos de discussão. O usuário torna-se participante de um grupo cujo assunto lhe interesse. Nestes grupos são os próprios usuários que enviam mensagens acerca do assunto/tema, de modo que uma discussão se estabelece. Além da discussão propriamente dita, é bastante freqüente a presença de mensagens contendo imagens eróticas.

O correio eletrônico evidentemente se relaciona de modo direto com o amor, na medida em que permite a troca de mensagens entre parceiros. Voltaremos a isso.

Os programas de chat permitem que pessoas dialoguem em tempo real em canais dedicados a temas específicos. Estes

diálogos podem se dar tanto em aberto, o que significa que todos os presentes no canal têm acesso ao que é comunicado, quanto em privado. O anonimato é, até certo ponto, garantido.

Uma variação recente dos chats são os programas de diálogo online que incorporam som e imagem. Estes programas funcionam basicamente como os canais de chat, mas permitem o diálogo sonoro, se os interlocutores dispuserem de microfone, e visual, se dispuserem de câmera. Deve-se destacar que se a tecnologia realmente realiza proezas incríveis, por outro lado não é perfeita, pois a resolução de imagem e de som não é das melhores nesses canais de diálogo sonoro-visual.

Uma outra variação são os programas de diálogo online que se servem de imagens de síntese ou de imagens digitalizadas numa tentativa de recriar espaços "reais" de discussão, onde os envolvidos podem se apresentar utilizando imagens previamente escolhidas. Podemos citar o Palace como exemplo desse tipo de programa. O usuário realmente entra em salas, bares, quartos representados pelas imagens correspondentes e nestes ambientes pode se comunicar com outros seres que aparecem como avatares (imagens escolhidas; é possível, por exemplo, aparecer como Mickey, Senna, como uma sardinha etc.), sendo o próprio usuário representado por um avatar. Destaque-se que estas imagens são estáticas, sem movimento, suas capacidades de movimento restritas ao deslocamento dentro das imagens das salas. Para o leitor justamente cansado destas vagas explicações, diríamos que as salas são como que imagens de salas, e os avatares imagens representando pessoas, sendo que podemos pôr as imagens-pessoas sobre as imagens-salas (o que significa

que o usuário está naquela sala) e podemos deslocar a imagem-pessoa dentro da imagem-sala (o usuário se desloca na sala). Claro que numa sala devem existir vários usuários (várias imagens-pessoas), se percebendo uns aos outros através da presença de seus respectivos avatares.

Podemos notar, deste modo, vários pontos importantes: que os diálogos online são possíveis tanto por chats quanto por sites; que a troca de mensagens pode se dar tanto via correio eletrônico quanto via grupos de discussão; que anúncios de encontros podem ser colocados tanto via sites quanto via grupos de discussão etc.

Para organizar um pouco nossa compreensão, propomos uma tipologia dos modos ou dos espaços abstratos através dos quais a Internet pode afetar a experiência amorosa independente do meio (site, chat, e-mail, grupo de discussão etc.).

Teríamos assim como proposta a seguinte classificação dos modos de operação da tecnologia atual do amor.

Existem, em primeiro lugar, os espaços que permitem a publicidade amorosa, o anúncio da procura e disponibilização de parceiros. Tais espaços, empiricamente, podem ser grupos de discussão, sites, agências virtuais.

Em segundo lugar, temos espaços que permitem uma abordagem "teórica", discussão ou apresentação de idéias acerca do amor, da experiência amorosa hoje etc. Empiricamente, mais uma vez, sites, grupos de discussão.

Temos a seguir os espaços que permitem encontro e diálogo online, por meio de imagens, texto, sons, utilizando avatares ou não. Empiricamente: programas tais como o Mirc, o Palace, salas de chat de provedores (Zaz, Uol etc.) etc.

Finalmente, temos a correspondência eletrônica como um método ou modo de se relacionar virtualmente - os programas de e-mail, quaisquer que sejam suas formas. Vale lembrar que e-mails podem incluir troca de fotos, de sons, de filmes etc.

Do ponto de vista dos objetivos visados pelos usuários, podemos propor uma segunda classificação, que se sobrepõe à primeira. Esta segunda comporta quatro categorias, ou melhor, dois pares de categorias.

Estes pares de categorias são os seguintes: relacionamentos reais e relacionamentos virtuais e, em seguida, relacionamentos efêmeros ou instáveis e

relacionamentos duradouros ou estáveis. Um usuário, deste modo, no que toca à relação procurada, pode estar usando o meio informático como uma ponte para o estabelecimento de relacionamentos reais, o que qualifica uma certa forma de objetivo, sendo que o que importa é sair do virtual para encontros face a face ou em carne e osso, ou pode estar usando o meio informático como o próprio espaço onde vai-se desenvolver a relação, não tendo esta nenhum objetivo, por qualquer razão que seja, de se tornar uma

Temos os radicalmente críticos, tão críticos que só conseguem ver na Internet (...) um enorme mecanismo de perda pelo homem de sua própria humanidade, de sua liberdade, de sua capacidade para a vida.

relação real. Além disso, sejam as relações procuradas reais ou virtuais, os usuários podem estar interessados, no que concerne à questão do tempo ou da duração, em duas formas diferentes, grosso modo, de relação: relações curtas, cujas conseqüências devem-se esgotar num curto lapso de tempo, como, por exemplo, um encontro real de uma noite ou uma rápida transa virtual, relações efêmeras e instáveis, ou então relações estáveis, como a utilização da Net na busca de um futuro parceiro para namoro ou casamento ou sua utilização para estabelecimento e manutenção de namoros virtuais duradouros.

As duas classificações que propusemos evidentemente se recobrem como duas redes podem se recobrir: a publicidade amorosa pode servir para buscar relacionamentos virtuais ou reais, efêmeros ou duradouros; mesma coisa para os espaços de diálogo; mesma coisa, ainda, para o correio eletrônico. Quanto aos espaços de discussão teórica do amor ou de apresentação de idéias ou teorias, na medida em que não estão direcionados para a fundação de relacionamentos, ficam excluídos diretamente da segunda classificação, mas indiretamente dela fazem parte na medida em que permitem que se discutam tanto relacionamentos reais quanto virtuais, instáveis ou estáveis.

Iremos nos concentrar aqui numa

reflexão em torno dos relacionamentos tornados possíveis pela Internet, o que significa que não nos dedicaremos especialmente às discussões "teóricas" (sejam homepages, ou grupos de discussão) acerca do amor. Trata-se de uma escolha absolutamente pessoal e arbitrária, cuja responsabilidade assumimos. Mais especificamente, nos concentraremos nos relacionamentos virtuais.

Evidentemente, muitos são os caminhos para se refletir acerca dos amores virtuais. E, mais do que isso, é óbvio que a expressão "amores virtuais" não designa um só tipo de experiência amorosa, mas antes uma gama de experiências. Como deve ficar claro a partir das classificações propostas anteriormente, temos, minimamente, amores virtuais duradouros, verdadeiros relacionamentos estáveis, e temos relacionamentos virtuais efêmeros, rápidos, que não implicam nenhuma forma de duração.

Quanto ao tipo de pessoa que pode se envolver nessas experiências virtuais, não é necessária muita perspicácia para se perceber que na realidade não há um tipo específico (padrão), sendo tal experiência realizada por pessoas das mais variadas classes, culturas etc.

Os motivos também parecem ser os mais variados: uns procuram no espaço-tempo virtuais o que não podem ter na realidade, ou seja, buscam relacionamentos virtuais para compensar a ausência de relacionamentos de carne e osso; para outros, trata-se de uma experiência que se acrescenta à gama das experiências possíveis, a relação virtual convivendo com relações reais atuais; para outros, ainda, um passatempo, uma simples diversão sem muitas conseqüências etc.

Não é nosso desejo fazer uma fenomenologia dos relacionamentos virtuais, ou, do mesmo modo, uma pesquisa de campo acerca dos envolvidos neste tipo de relacionamento, seus motivos, características pessoais etc. O que desejamos é pensar sobre o que são esses relacionamentos e o modo como participam da criação de uma nova forma de sensibilidade.

Partamos de um primeiro dado: os relacionamentos virtuais são uma realidade, fazem parte do cotidiano de um certo número de pessoas.

É claro que num país como o nosso, o número de pessoas com acesso à Internet é mínimo. Mais do que isso, se acreditarmos em alguns autores, no mundo, apenas metade da população humana

já utilizou um telefone. Se metade dos humanos nunca telefonou, o que dizer do acesso à rede de computadores mundial?

Mas o fato é que nesse nosso mundo paradoxal, onde a tecnologia de ponta convive com uma miséria social enorme (o que fica muito mais aguçado no Brasil, sociedade que parece concentrar os dois aspectos, riqueza e pobreza), quem governa o mundo não é a metade sem telefone, mas a que telefona, e do mesmo modo, não são os países pobres, mas sobretudo os mais industrializados. Do ponto de vista do imaginário humano, os grandes produtores não são mais os mitos arcaicos de países africanos ou americanos, como não são mais as mitologias européias pagãs, mas antes as indústrias do cinema, da música, enfim, da cultura de massa e das comunicações digitais.

Dado que são estes os grandes produtores de subjetividade em nossa época, e que a tecnologia, em especial a tecnologia da comunicação, é fundamental em todo esse processo, refletir acerca dos relacionamentos virtuais é refletir sobre a mais radical mudança no campo dos relacionamentos humanos na época contemporânea, ainda que do ponto de vista quantitativo o número de pessoas que têm acesso a essas novas formas de relação seja pouco significativo. Procuramos pensar não o nosso passado, mas aquilo que estamos nos tornando, e que, portanto, pode parecer ainda incipiente.

Os relacionamentos virtuais são, como dizíamos, uma realidade para um certo número de pessoas. Não podemos adotar, se formos minimamente críticos, as posições que incensam a Internet como o veículo de salvação da humanidade. Tal perspectiva

otimista é acrítica na maior parte das vezes, destacando apenas os aspectos positivos da rede e mascarando os negativos, produzindo mesmo, em alguns casos, distorções que consistem em atribuir à tecnologia do virtual fenômenos que remetem antes para formas tradicionais de informação ou comunicação (o telefone é um instrumento de diálogo online, uma biblioteca pode ser vista como um imenso hipertexto etc.).

Temos, por outro lado, os radicalmente críticos, tão críticos que só conseguem ver na Internet e, mais geralmente, na mediatização generalizada do mundo, um enorme mecanismo de perda pelo homem de sua própria humanidade, de sua liberdade, de sua capacidade para a vida etc. Não sendo ingênuos como os otimistas acríticos, os pessimistas críticos nem por isso conseguem ter uma visão mais equilibrada da realidade.

Nossa posição é a de não adotar nenhum raciocínio maniqueísta, que só percebe o mundo em termos de bom ou mau, de "quem não está comigo está contra mim". Acreditamos que o que acontece é sempre paradoxal, e que é mais importante apreendermos o que se passa, as suas condições, suas consequências, do que partirmos para juízos de valor tão gerais quanto inócuos. Aliás, diga-se de passagem, a realidade pouco liga para os maniqueísmos de alguns intelectuais.

Nem bons nem ruins, ou ambos ao mesmo tempo, os relacionamentos virtuais têm características que os diferenciam dos tradicionais. Vejamos quais são estas características.

Em primeiro lugar, a mais marcante e evidente, o corpo físico dos participantes de um relacionamento virtual permanece

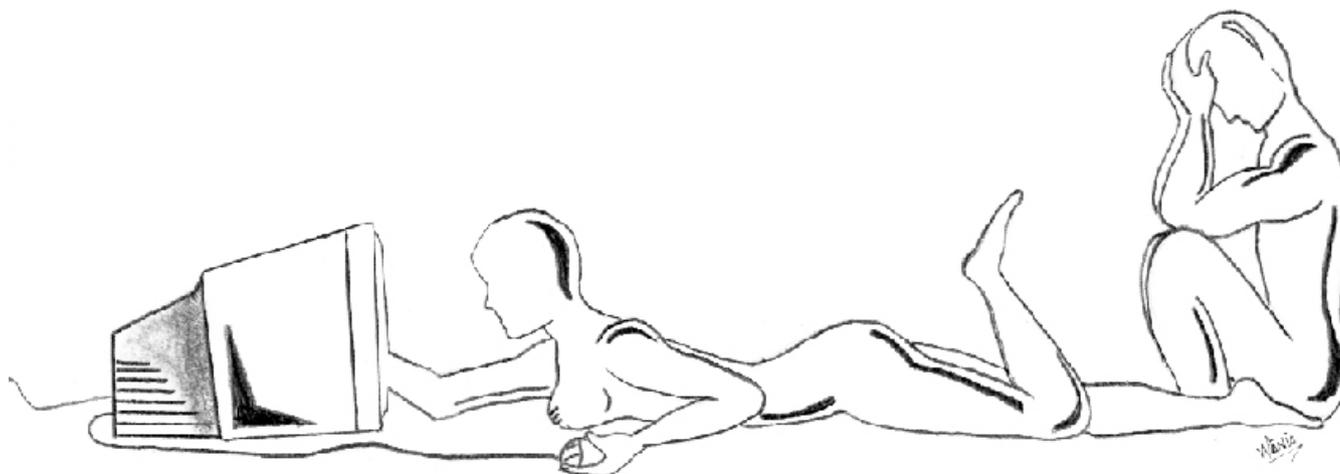
sempre excluído da relação. Trata-se de uma relação, nesse sentido, incorporeal. Essa ausência faz com que o problema da identidade se coloque de outro modo.

O corpo sempre definiu o espaço do próprio e do individual, na medida em que, sendo único e singular, confere a seu possuidor um lugar específico. Ora, a ausência de corpo físico, que traduziríamos por ausência de suporte corporal físico para a relação, faz com que a identidade perca sua territorialização orgânica, abrindo a possibilidade de invenção de identidades fictícias que nunca serão desmentidas pela identidade corporal própria de cada um.

Uma diferenciação entre os relacionamentos virtuais que se valem de câmeras e, em menor grau, de microfones, parece se impor: nestes, o corpo, ainda que excluído como local de contato físico, pode funcionar como território para a construção de uma identidade, dado que pode ser visto ou ouvido. Mas podemos imaginar para breve sons e imagens de corpos produzidos digitalmente.

Dessa ausência de corpo decorre uma segunda característica importante: a impossibilidade do contato corporal, tanto no sentido sexual quanto no sentido de uma intimidade não sexual. Ora, assim sendo, o prazer sexual muda necessariamente de natureza, o orgasmo vindo por via masturbatória, ou sendo substituído por uma troca de palavras, imagens, sons etc., que deve propiciar a seus praticantes alguma outra forma de prazer.

A ausência de corpo e a possibilidade de invenção de outras identidades que decorre dessa ausência - sem levar em conta o fato de que essas relações são mediadas por uma tela e por um teclado



que fazem as vezes de interface, superfície de comunicação - conferem a seus participantes anonimato (que aliás não é absoluto, pois qualquer hacker competente consegue quebrar) e aí temos outra característica. Esse anonimato funciona tanto tornando mais fácil a entrega, a troca de confissões etc. quanto tornando-as pessoais. A experiência de revelar segredos para um desconhecido que não sabe quem somos pode ser mais fácil de ser realizada do que a de relatar segredos e fantasias para pessoas conhecidas, com as quais convivemos fora do ciberespaço.

A falta de territorialização corporal da subjetividade por um corpo físico abre para uma outra possibilidade interessante: a possibilidade de encontros, cruzamentos e relações que nunca teriam lugar de outra forma. Os relacionamentos virtuais sendo por definição incorporais, disso resulta que os lugares de encontro também passam a ser lugares incorporais, lugares virtuais, para usar a palavra.

O espaço físico opera uma série de seleções no que toca aos parceiros eventuais que possam ser encontrados: um alto executivo, pelos espaços físicos que freqüenta, tem muito pouca probabilidade de encontrar um punk e com ele estabelecer alguma forma de relacionamento; uma freira certamente só cruzará com uma prostituta em condições excepcionais etc. Ora, esta seleção que o espaço físico opera depende de um grande número de fatores econômicos, culturais, de classe ou grupo social a que pertence o indivíduo, ligados ao sexo e às preferências sexuais de cada um.

No ciberespaço esses fatores são em grande parte abolidos, de tal modo que há uma maior possibilidade de que se realizem encontros e cruzamentos que por conta dos fatores segregativos do mundo real não poderiam acontecer. Falamos em maior possibilidade, pois tal abolição não é total: restam interesses pessoais, opções sexuais etc., que funcionam como filtros, na medida, por exemplo, em que uma pessoa só participa de grupos de discussão relativos a um determinado assunto. Resta ainda a segregação econômica, pois um computador multimídia custa dinheiro, um cibercafé cobra por tempo de acesso etc.

Mas é inegável que o potencial segregativo do ciberespaço é menor do que o do mundo real. Deve ser levado em conta, além disso, que o anonimato proporcionado pela mediação faz cair inibições, aumentando o campo de ação dos indivíduos, e inclusive no que toca aos seus parceiros de

relação. Quantos homens heterossexuais não criam personagens mulheres que vão entreter diversos tipos de relação virtual? Podemos citar um exemplo que chegou ao nosso conhecimento numa das muitas discussões com amigos e pesquisadores acerca da Internet, exemplo aliás que não parece ser isolado: uma usuária se relacionou virtualmente durante algum tempo com um rapaz, chegando mesmo a se apaixonar sem nunca tê-lo visto, e descobriu, para seu espanto, depois de insistentes pedidos de que se marcasse um encontro real, que o rapaz era na verdade uma moça homossexual. No mundo real, tal relacionamento provavelmente nunca poderia ter se dado, pela própria presença do corpo que denuncia e exibe a identidade sexual anatômica; o ciberespaço tornou tal cruzamento possível, ainda que, ao se tentar a passagem para o real, a coisa tenha desandado.

Por que privilegiar algumas diferenças em detrimento de outras e recortar os relacionamentos em virtuais e reais para qualificar os segundos como mais naturais do que os primeiros? Não há justificativa sustentável para tal recorte.

Se esse relacionamento terminou de modo triste, quantos não existem que unem pessoas que nunca se relacionariam sem a rede, que duram por longos períodos de tempo e proporcionam muito mais alegria do que tristeza? Inúmeros. Mas inúmeras também são as decepções.

A conclusão geral que se impõe: encontros improváveis são tornados possíveis, o que representa evidentemente um enriquecimento no campo das possibilidades amorosas de todos nós.

Advogamos a favor de uma apreensão positiva das relações virtuais. Isso significa, claramente, que acreditamos que os relacionamentos virtuais não devem ser compreendidos como relacionamentos reais aos quais falta algo, o corpo, o contato físico etc., mas sim como uma outra forma de relação, independente dos relacionamentos reais, que se acrescenta ao campo dos possíveis humanos. Não relações reais incompletas, mas relacionamentos de um outro tipo.

Tentemos justificar nosso ponto de

vista.

Não há nenhuma forma “natural” característica das relações humanas, muito menos das relações amorosas. Basta um rápido percurso pela história do amor no Ocidente para perceber isso: é impossível sustentar que o casamento seja a forma normal de relação amorosa humana pois sua forma, sentido e os sentimentos envolvidos mudam radicalmente através da história; é impossível afirmar que as uniões monogâmicas temporárias são a forma universal de comportamento amoroso, em função de um razoável número de exceções existentes (para citar duas, um grande número de casamentos para a vida toda e um grande número de celibatários); é impossível, a despeito das tentativas naturalizantes de certos pesquisadores (como, por exemplo, a antropóloga americana Helen Fisher) fixar qualquer padrão universal para o amor.

Ora, não havendo relação absolutamente normal, universal ou natural, o que temos? Temos uma base biológica sob a forma de tendências, que serão trabalhadas pela cultura para dar formas a relacionamentos concretos. Não vamos discutir aqui o problema fundamental, e provavelmente insolúvel, da existência de fatores irreduzíveis tanto ao biológico quanto ao cultural, o que levaria ao problema da liberdade humana e à questão da radical singularidade do amor: assumamos simplesmente a impossibilidade de naturalização de qualquer modelo de comportamento ou sentimento.

Toda relação humana é uma construção. E essa construção é sempre artificial (no sentido de não ser natural), ainda que possa incorporar elementos de caráter biológico herdados. Disso decorre a inexistência de um modelo absoluto que permita julgar os relacionamentos como completos ou incompletos, bons ou maus etc.

Eis nossa proposição radical: se toda experiência amorosa humana é uma construção que nunca se apóia num modelo normal universal, pelo simples fato de que tal modelo não existe, tanto os relacionamentos reais quanto os virtuais são artificiais.

A mediação máquina operada pelos meios de comunicação não seria qualitativamente diferente da mediação simbólica que oferece, por exemplo, uma determinada teoria do casamento: assim como a concepção cristã do casamento funciona como mediadora para a construção de casamentos reais, as máqui-

nas de comunicação funcionam como mediadoras para a produção de relações virtuais. Mediação sempre há para o humano. No máximo, o que podemos fazer é falar de diferentes tipos de mediação. Mas não vemos como umas possam ser privilegiadas em relação a outras e ditas naturais, normais, universais, completas, plenas etc. Se relacionar através do casamento é tão artificial quanto através do computador.

Tanto os amores virtuais quanto os reais seriam assim estranhos ao regime da natureza, ambos tributários de mediadores tecnológicos (tecnologia simbólica, no caso do casamento, ou tecnologia de comunicação, no primeiro caso).

Uma objeção se levanta: poder-se-ia invocar a presença do corpo como o que conferiria um caráter mais normal ao relacionamento real. O amor humano seria tributário do corpo e indissociável da experiência do corpo do parceiro, e isso faria dos amores virtuais perversões da natureza humana por parte de nossa sociedade da informação. Passemos ao largo da noção de perversão, altamente problemática mesmo na perspectiva psicanalítica (a sublimação não seria sempre perversa?), cuja desconstrução deve ser urgentemente feita, que não é o objeto do presente trabalho.

O corpo parece ser assim o cerne da discussão.

É extremamente problemático sustentar que a presença do corpo faria das relações reais relações mais naturais do que as virtuais (vamos utilizar doravante o termo natural, mas subentende-se que seu campo semântico compreende as idéias de normal, completo, pleno etc.). Vejamos por quê.

Seria necessário que existisse um uso unívoco do corpo em todas as relações amorosas, o que não é de modo algum o caso se olharmos para nossa história: há relações onde o corpo aparece simplesmente como suporte para a reprodução de indivíduos e para que se prossiga uma linhagem; outras em que o corpo e a sexualidade são toda a relação, nada havendo fora da cama; outras ainda em que o corpo é usado sexualmente num ambiente de paixão ou afetividade; outras onde o corpo é objeto de temor e descrédito etc. Podemos mesmo notar a existência de relações amorosas onde não há um contato corporal entre os parceiros, como no caso do amor místico, em que pelo fato de o corpo divino ser inacessível, o

místico se encontra condenado a gozar fisicamente de um amor espiritual ou de um amor corporal não físico, como Santa Teresa. O amor cortês também pode apontar para o fato de que o contato físico não é a base natural da relação amorosa (não há base natural): lembremos somente o Asag, a última prova, onde o cavaleiro deveria permanecer toda a noite castamente próximo de sua dama.

Experimentar sensações físicas

numa relação em que o contato corporal está excluído pode ser um bom modo de falar das relações virtuais. Um novo corpo místico seria formado por chips se comunicando através de linhas telefônicas, eis uma idéia estranha mas não de todo absurda, na medida em que quem consegue hoje realizar o antigo ideal de um amor descarnificado são as relações mediadas por dispositivos informáticos de comunicação, as relações virtuais.



Uma correção merece ser feita: a impossibilidade de contato físico não implica uma total ausência de corpo, pois ambos os parceiros, cada um do seu lado da tela, têm um corpo que sente, se emociona, sofre, goza etc.

Assumir que os relacionamentos reais são mais naturais do que os virtuais é uma assunção extremamente problemática, além de tudo isso que discutimos até aqui, pois supõe uma unidade nos relacionamentos reais, um sentido comum a todos, que a realidade desmente se nos dedicarmos a um pouco de pesquisa histórica. Dito de um modo diferente, e parafraseando Alain Badiou, há tanta diferença entre dois relacionamentos reais quanto entre um real e um virtual. Por que privilegiar algumas diferenças em detrimento de outras e recortar os relacionamentos em virtuais e reais para qualificar os segundos como mais naturais do que os primeiros? Não há justificativa sustentável para tal recorte.

O último argumento que conseguimos imaginar para fazer do virtual um desvio do real é um velho argumento já utilizado muitas vezes, tanto por teólogos quanto por pensadores leigos: o amor deve levar à reprodução; não havendo reprodução estamos fora do campo da natureza, os relacionamentos virtuais seriam assim não naturais. Em nossa opinião trata-se de um argumento de desespero, que vem à cena quando todos os outros já fracassaram. Nem por isso seu resultado é melhor do que o de seus predecessores.

Ora, a reprodução atualmente não depende da conjunção carnal entre os parceiros, o que liberta a humanidade da obrigação do sexo e a libera de uma suposta tirania da realidade reprodutiva do amor. Mesmo que acreditássemos que o amor tende à reprodução, hoje teríamos de concordar que a tecnologia biomédica torna o amor obsoleto, ou o libera do jugo da natureza, dando vazão ao seu potencial lúdico.

Além disso, seríamos obrigados a condenar como não naturais a maior parte das relações amorosas... sejam elas físicas, espirituais, matrimoniais, adúlteras etc. A cada um cabe um exame de consciência...

Não podemos assim usar a reprodução como parâmetro de julgamento que faria as relações reais mais naturais do que as virtuais.

Que o senso comum, numa distinção mais ligada ao hábito e ao passado do que aos rigores do pensamento, considere os relacionamentos virtuais como incompletos ou como relacionamentos reais aos quais falta algo, compreende-se, mas quando se quer refletir criticamente a respeito do problema, nota-se que tal modo de proceder não encontra justificativa satisfatória, sendo simples decorrência de preconceitos, tecnofobia etc.

Podemos notar, a partir de tudo o que dissemos, que é bastante problemática a concepção que pensa os amores virtuais como um caso patológico, no sentido mais geral do termo, ou desviante, perverso, incompleto, preliminar etc. dos relacionamentos reais. Retornamos então à nossa afirmação segundo a qual os relacionamentos ou amores virtuais devem ser compreendidos como uma outra forma de relação, independente dos relacionamentos reais, que se acrescenta ao campo dos possíveis humanos. Não relações reais incompletas, mas relacionamentos de um outro tipo.

Se para o homem medieval era impossível, por exemplo, a experiência que temos hoje nos chats e nos relacionamentos amorosos efêmeros ou estáveis que aí tomam forma, para nós tudo isso é possível, e disso decorrem duas coisas: nosso campo dos possíveis comporta algo de novo e, portanto, seja isso fasto ou nefasto, está mais rico, mas, além disso, esses novos possíveis nos modificam e modificam o modo como vivemos, pensamos, concebemos o mundo e, sobretudo, sentimos.